

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

Publicação mensal

ANNO XI

OUTUBRO, 1879

N. 10

## TRATAMENTO

DA ELEPHANCIA (1) PELA ELECTRICIDADE

Pelo Dr. Silva Araujo

A' electricidade, esse maravilhoso agente, do qual tem já a humanidade auferido tantos e tão brilhantes resultados, tinha ainda ella de ser devedora do curativo de uma das mais incommodas e duradoras molestias que a affligem.

E' possuido da mais viva satisfação que venho trazer tão grata noticia aos leitores da *Gazeta Medica da Bahia*, referindo-lhes que a minha tentativa de tratamento da elephancia, relatada em suas columnas, no numero 11, de Novembro de 1877, por um processo ainda até aquella

(1) Emprego esta palavra na accepção de *elephantiasis dos Arabes*, como já o havia feito no artigo a que nas primeiras linhas d'este me refiro.

As razões que actuavam no meu espirito n'aquella occasião, para a adopção d'este vocabulo, de preferencia á denominação complexa de *elephantiasis dos Arabes*, foram as que mais tarde, no n. 9, de Setembro do anno passado, apresentou a redacção d'esta *Gazeta*, quando, traduzindo da *Lancet* a acta da sessão da *Sociedade Medica de Londres*, chegou ao topico seguinte (pag. 393): « O Dr. Bancroft quer que se chame á perna de elephante *elephantiasis*, e que se applique o termo lepra (*leprosy*) á *elephantiasis dos Gregos*. » Eis a nota:

« Já em 1820 um sabio medico portuguez, o Dr. Bernardino Antonio Gomes (pae) sentia a necessidade de descreminar por um só nome cada uma das molestias conhecidas como *Elephantiasis*. Aqui transcrevemos a nota que se acha á pag. 120 do seu interessante *Ensaio Dermosographico*, offerecido á Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1819: «—Prospero Alpino, Vogel e Avicena deram o nome de *Elephantia* a esta enfermidade (*elephantiasis dos Arabes*), que Rhazes havia denominado *Elephantiasis*, mas que é mui diversa

data não empregado em semelhante molestia—tentativa cujo resultado não fôra completo, por ter sido o doente obrigado a retirar-se d'esta cidade, antes do tempo indispensavel para sua inteira obtenção—acaba agora de receber uma confirmação tal, que não permite mais duvidar-se de que, senão um meio infallivel, ao menos um processo heroico de tratamento fica possuindo, d'ora em diante, a medicina, contra uma molestia tão frequente em nosso paiz, e que a tantos infelizes martyrisa durante longos annos de existencia, obrigando-os a arrastar essas pesadas, enormes e horripilantes pernas,

da *Elephantiasis* dos Gregos, e que o traductor de Haly Abbas denominou *Elephas*. Alguns modernos, para evitar a confusão proveniente necessariamente da identidade de nome e da diversidade das enfermidades, e para se conformarem com as denominações dos Gregos e dos Arabes, denominaram as duas enfermidades *Elephantiasis* dos Gregos e *Elephantiasis* dos Arabes; sendo, porem, estas denominações más para nomes de generos, os quaes devem ser simples para não serem muito compostos os nomes das espécies, adoptei a denominação de Prospero Alpino, Avicena, Amado Lusitano e Franck, e que é portugueza, ainda que se tem applicado mais á *Elephantiasis* dos Gregos que a esta enfermidade.

Alguns medicos portuguezes seguem aquella nomenclatura proposta pelo Dr. Gomes, e não vemos razão para que não os imitemos. O citado *Ensaio*, alem de outros meritos de ordem scientifica, tem ainda o de conservar a synonymia portugueza de muitas affecções cutaneas, ignorada por muitos medicos habituados á leitura exclusiva dos livros francezes. »

Da proposta do Dr. Bancroft, na Inglaterra, conclue-se que tambem lá não agrada a denominação identica—*elephantiasis*, para duas molestias tão diversas.

Os qualificativos—dos Arabes e—dos Gregos tornam a designação dos generos muito extensa, formando verdadeiros *trinomios*, contra as regras de uma boa nomenclatura medica, na qual as denominações genericas devem ser vocabulos simples e não *binomios* ou *trinomios*, que só servem para trazer embaraços, quando se quer fallar das espécies d'esses mesmos generos, assim tão alongadamente designados; espécies essas que precisariam então ser expressas por quatro ou cinco palavras.

Se o Dr. Bancroft propõe, na Inglaterra, um só vocabulo para cada um dos dous generos da molestia, isto é, *elephantiasis* em lugar de *elephantiasis* dos Arabes e *leprosy* em vez de *elephantiasis* dos Gregos, façamos nós o mesmo e chamemoos, como quer o citado Dr. Bernardino Antonio Gomes, *elephancia* à *elephantiasis* dos Arabes e

tão acertadamente comparadas ás do elephante, d'onde tirou o nome de *elephancia* a enfermidade.

Este processo curativo, disse eu no citado artigo, que suppunha ter sido o primeiro a empregal-o, por isso que não encontrava noticia de egual tentativa nos trabalhos em que tenho lido a descripção da molestia. O meu distincto collega e amigo, Dr. Manoel de Assis Souza, que fez um estudo accurado d'esta affecção, com o fim de escrever a sua tão justamente apreciada these inaugural, sob o titulo *Elephantiasis dos Arabes*, que mereceu o anno passado a nota de *distincção* pela nossa Facul-

*morphéa*, como em geral é entre nosso povo denominada a molestia, à *elephantiasis dos Gregos*.

D'est'arte quando chegarmos à designação das especies de cada uma das duas molestias não precisaremos dizer: *elephantiasis dos Gregos tuberculosa*; *elephantiasis dos Gregos anesthesica*; mas: *morphéa tuberculosa* e *morphéa anesthesica*, isto é, duas em lugar de quatro palavras. Tampouco precisaremos dizer; *elephantiasis dos Arabes da perna*; *elephantiasis dos Arabes do escróto*; *elephantiasis dos Arabes dos grandes labios*, etc. (o que até se presta a uma interpretação maligna) e sim: *elephancia tibial*; *elephancia escrotal*; *elephancia vulvar*, etc.

Alem de todas estas vantagens, a denominação proposta pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes tem, como muito bem disse a redacção desta *Gazeta*, na citada nota, o merito de conservar uma boa denominação tradicional.

Accresce demais que os hespanhues, cuja lingua é, por sem duvida, aquella que, d'entre as de origem neo-latina, mais similhaça tem com a nossa, empregam exactamente o termo *elefancia* para a *elephantiasis dos Arabes*, com a particularidade, comtudo, de substituirem o *ph* pelo *f*, de accordo com o systema orthographico que adoptaram (Vid. Diccionario español-portugués, de Mascarenhas Valdez, T. 2.º, Lisboa, 1864).

Virchow, em sua *Pathologia dos tumores* (Trad. franc. por Paul Aronsohn, tom. 1.º pag. 274 e seg.) detidamente se occupá com esta questão, fazendo ver a confusão que tem reinado na sciencia, e continúa a existir ainda, mesmo por parte de homens eminentes na arte. « E' assim que, diz elle, ainda recentemente Carl Hecker, em sua monographia (\*), confundio todos os materiaes relativos a este assumppto; Duchassaing mesmo, nas Indias, tonou casos de lepra anesthesica (*morphéa*) por *elephantiasis dos Arabes*, e eu tenho tido,

(\*) Carl Fr. Hecker, *Die Elephantiasis oder Lepra arabica*, Lehr—1858.

dade, assegura-me tambem nada ter encontrado n'esse sentido, nos variados escriptos que, durante o espaço de um anno, cuidadosamente compulsou.

Em uma obra sobre dermatologia, recentemente publicada em Paris: *Nouvelles leçons cliniques sur les maladies de la peau, professées à l'hôpital Saint-Louis (1879)*, pelo Dr. Guibout, não falla o illustre especialista francez de tentativa alguma n'este sentido, continuando a considerar a molestia como uma d'aquellas em que, declara elle a seus discipulos, « nous sommes assez mal armés, au moins lors que la maladie est arrivée à un

varias vezes, de assignalar similhantes erros em meus relatorios annuaes. » O eminente pathologista allemão termina suas considerações sobre 'o assumpto declarando, que « de accordo com o que é usual na litteratura allemã, ha seculos, isto é a palavra *elephantiasis* designar só tumefacções mais localisadas ou, pelo menos, limitadas, occupando principalmente os membros, e o vocabulo *lepra* exprimir, pelo contrario, o conjuncto de uma molestia considerada ordinariamente como constitucional, elle empregará essas expressões n'esse mesmo sentido, isto é, *elephantiasis* designando a *elephantiasis dos Arabes*, e *lepra* (*Aussatz* em allemão) a *elephantiasis dos Gregos*. » Vê-se que é o mesmo que o Dr. Bancroft propoz para a Inglaterra, e eu agora para o Brazil, acompanhando o Dr. Bernardino Antonio Gomes em sua proposta para Portugal; com a differença, em relação ao medico inglez, de substituir eu a palavra *lepra* pela de *morphéa*, mais usual entre nós, e a de *elephantiasis* por *elephancia*, que tem em seu favor o uso de reconhecidas auctoridades medicas, no paiz em que na Europa se falla a lingua que nós herdamos.

*Littré* e *Robin*, no seu *Dictionnaire de médecine*, comquanto não fallem da necessidade de crear, em francez, termos diversos para as duas molestias, contudo bem claramente deixam entrever esta necessidade, quando começam o seu artigo sobre o vocabulo com estas palavras: « *Elephantiasis*—Nome de duas molestias essencialmente differentes, etc. »

Pois não é intuitivamente absurdo chamar-se pelo mesmo nome duas molestias *essencialmente differentes*? E mais absurdo não será ainda querer fugir da confusão ajuntando a esse mesmo nome commum qualificativos complexos, que serão os unicos então a determinar a differença essencial d'essas molestias?

Ainda uma razão: o termo *elephantiasis* só convem á *elephantiasis dos Arabes*, com cujos membros muito se parecem as pernas de um individuo affectado da molestia; ou simplesmente com a pelle d'este animal a de qualquer doente soffrendo da doença no escrôto, na vulva, etc. Na *elephantiasis dos Gregos* (na forma *tuberculosa*) a

«*Leveloppement considérable.*» Comtudo o distincto medico do hospital *S. Luis* annuncia que chegou a descobrir a incognita do problema, dando-se, no emtanto, a infelicidade de ter a doente, inesperadamente, abandonado o hospital, deixando em meio caminho o tratamento, que promettia coroar-se de brilhante resultado. O meio ensaido pelo Dr. Guibout não foi, entretanto, a electricidade, mas a compressão elastica, sobre camadas de algodão envolvendo o membro, combinada com outros meios, como a maçadura, duches, posição horisontal, ou declive sobre o tronco, etc. O Dr. Bentley, em Singapor,

aspecto do doente, de sua face principalmente, não é *elephantino* e sim *leontino*, d'onde a mais cabida denominação, proposta e por alguns medicos empregada, de *leontiasis*.

Outra razão: em que é que a fórma paralytica da *elephantiasis dos Gregos* faz a pelle ou os membros do paciente parecerem-se com os de um elephante? Em nada absolutamente. Para que, pois, chamal-a *elephantiasis dos Gregos de fórma paralytica*.

Quem tiver visto, como se veem todos os dias em nosso paiz, doentes affectados da *elephantiasis dos Arabes* e houver observado tambem um elephante, ou possuir exacta noticia do aspecto dos membros d'este proboscidio, necessariamente achará mui logico que se chame á molestia *elephantiasis*, ou, melhor, *elephancia*; mas nunca poderá concordar em que o mesmo termo convenha a um mutilado doente de *elephantiasis dos Gregos de fórma tuberculosa*, ou, menos ainda, a um affectado da *fórma paralytica* da mesma doença.

A palavra *morphéa*, pelo contrario, cabe perfeitamente á *elephantiasis dos Gregos*, pois que, alem de ser de uso popular e tradicional, apresea uma etymologia cónsoante com a mudança notavel de aspecto que apresentam os pacientes, parecendo-se, na *fórma tuberculosa*, com a cara *leontina*, e, na *paralytica*, apresentando as mãos em fórma de garra de ave de rapina, e os membros similhando um esqueleto, em virtude da atrophia muscular de que são atacados.

No *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, pelo Dr. Fr. Domingos Vieira, 3.º V., 1873, encontra-se a palavra *elephancia* exactamente com a significação de *elephantiasis dos Arabes*, como se vê da transcripção que passo a fazer: *Elephancia*, s. f. (Do grego *elephantiasis*, de *elephas*). Termo de Medicina. Enfermidade cutanea, assim chamada por fazer a pelle dura, escaamosa, espessa, desigual e enrugada como a dos elephantes.—Tambem se lhe dá o nome de *lepra dos Arabes*.»

No *Diccionario encyclopedico ou Novo diccionario da lingua portugueza, para uso dos portuguezes e brasileiros, o mais exacto e mais completo de todos os diccionarios até hoje publicados, etc.*, por

tambem deu, na *The Lancet*, de 1.º Junho do anno passado, noticia de um caso de cura e outro de melhora, pela compressão; é verdade que com applicações mercuriaes topicas, e internamente uma formula composta de iodureto de potassio, chlorato de potassa, solução de bichlorureto de mercurio e infusão de chiretta, e posição declive da perna sobre o tronco, na altura de dous pés, por tres mezes, noite e dia!

Começando a noticiar os seus dous casos, diz o Dr.

D. José de Lacerda, encontra-se a palavra escripta como o temos feito, mas a accepção, em lugar de ser ahi limitada á *elephantiasis dos Arabes*, como acabámos de insistir para que se o faça, e vimos que o ensina já Fr. Domingos Vieira, é, pelo contrario, attribuida a ambas as enfermidades, como se verá da transcripção do topico relativo, tal como se encontra na quarta edição d'este dictionario, datada de 1874, e, portanto, posterior de um anno ao de Fr. Domingos Vieira. Eil-o:

• *Elephancia*, s. f. (Lat. *elephantia*,  $\alpha$ ; *elephantios*, dis; *elephantiasis*; *elephantiasmus*); (med.) enfermidade cutanea, assim chamada por fazer a pelle dura, insensivel, escamosa, desigual, e enrugada como a dos elephantes; morphea. Esta molestia distingue-se, em razão dos auctores que fizeram d'ella as primeiras descrições, em—*dos gregos*, e—*dos arabes* ou *lepra branca*. »

Não posso concordar com este distincto lexicographo, que, quanto acceite a palavra *elephancia*, em substituição de *elephantiasis*, vem, entretanto, ensinar que o termo convem a uma e outra molestia.

Sobre a accentuação da palavra, é ella a com que a tenho escripto n'este artigo, isto é, *elephancia*, segundo o *Diccionario prosodico de Portugal e do Brazil*, de Antonio José de Carvalho e João de Deus.

Quanto á palavra *morfêa*—que se encontra escripta de diferentes modos e com diversas accentuações (*morfeia* no *Novo Dictionario da lingua portugueza*, por Eduardo de Faria, segunda edição, Lisboa, 1832; *morphea*, *morpheia*, *morfêa* ou *morfeia*, no citado *Diccionario* de Fr. Dom. Vieira; *morphêa* ou *morphea*, no de D. José de Lacerda, egualmente citado—creio que o melhor modo de escrevel a será como usei (*morfêa*), porque está de accordo exactamente o e do modo porque a pronuncio, accentuando agudamente o e do diphthongo *êa*, que é a accentuação que vejo usada entre nós para a palavra e a do citado *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil* por Antonio José de Carvalho e João de Deus.

Em relação á etymologia diz Eduardo Faria o seguinte: «Morphêa, s. f. (creio que vem do Grego, *moros*, porção, e *pholis*, escama, pelle escabrosa). D. José de Lacerda diz exactamente a mesma cousa.

Os espanhoes, segundo o citado *Diccionario* de Valdez, escrevem *morfeá*.

Bentley: «In bringing the following cases before the notice of the profession, I think no apology is needed. This disease is, when fairly established, considered incurable, while from the mass of evidence collected by Drs. Tilbury Fox and T. Farquhar on tropical skin diseases, nothing new of the last encouraging nature has been obtained. The following case of cure is therefore, I think, of sufficient importance to claim the attention of the profession.»

Ora, se o illustre medico inglez julga tão importante que não carece elogio, um processo curativo da elephancia como o que elle imaginou e empregou com tão feliz resultado, fundando a sua asserção no facto d'esse mesmo brilhantismo da cura, e na circumstancia de ser uma molestia para a qual nada se conhecia capaz de debellal-a (excepto, para certos e determinados casos, o bisturi do operador), maioria de razão terei eu em apresentar, por minha vez, os meus casos, em que, com um tratamento inteiramente diverso, mas muitissimo mais simples, e menos mortificante para o doente, consegui o mesmo fim.

O tratamento instituido pelo distincto medico inglez, em Singapoor, é, inquestionavelmente, brilhante, mas obriga o paciente a uma medicação interna e externa energicas, como já ficou dito, o que, no meu processo, se não dá. Alem d'isso o doente do Dr. Bentley, tendo a molestia na perna, caso semelhante aos meus dous ultimos, teve de levar, durante tres mezes, dia e noute, com a mesma elevada sobre o tronco, cerca de dous pés, ao passo que as minhas doentes continuaram a conservar a posição vertical, e, o que mais é, a entregar-se a todos os seus trabalhos usuaes.

Isto prova que pelo meu processo cura-se o doente *apesar mesmo* da posição vertical, mas de nenhum modo quer dizer, no emtanto, que, podendo-se, não se exija d'elle a posição que dos seus exigiram os Drs. Bentley, Guibout, e é, de ha muito, aconselhada geral-

mente, toda a vez que se quer facilitar a circulação das extremidades inferiores.

Parece-me tambem necessario aqui consignar que, quando eu tive a idéa de empregar a electricidade no tratamento da elephancía, e mesmo muito tempo depois que publiquei o meu primeiro ensaio, ainda a molestia não era supposta curavel; ainda nem o tratamento do Dr. Guibout, nem o do Dr. Bentley tinham sido publicados; e vê-se, pelas transcripções que d'elles fiz, que o primeiro considera-a como como *«uma molestia contra a qual estamos muito mal armados, pelo menos quando tem ella chegado a um desenvolvimento consideravel»* e o segundo, que é uma molestia que *«quando perfeitamente desenvolvida, é considerada incuravel.»*

Que a minha publicação é anterior a estes dous tratamentos publicados, prova-o o datar ella de Novembro de 1877, n'esta *Gazeta*, e os factos do Dr. Bentley terem sido inseridos na *The Lancet* de 1 de Junho de 1878, e o do Dr. Guibout n'um livro publicado no anno que vae correndo.

Não querendo tornar extremamente longa esta comunicação, não me demorei em referir minuciosamente o que os estudos histo-pathologicos nos tem ensinado sobre a molestia, limitando-me apenas a reproduzir, em resumo, o raciocinio que conduzio-me ao descobrimento e applicação d'este processo.

Quando consultado pelo primeiro doente em que empreguei a electricidade, o meu primeiro cuidado foi recapitular na mente os phenomenos histo-pathologicos, que em similhante molestia se produzem.

Recordei-me então da descripção, feita pelo eminente professor Virchow (*obr. cit. na nota*), da *elephantiasis dos Arabes*, quando affectando os membros inferiores; e impressionou-me principalmente o espirito o facto de ver que: ao passo que o tecido conjunctivo se hyperplasia, ganhando gradualmente a profundeza do membro affectado, de modo a ir da derma ao tecido adiposo sub-



cutaneo; d'este ás aponevroses; d'ahi ao tecido connectivo intermuscular; ao que cerca os vasos e os nervos, e, finalmente; até ao periosteo, produzindo as alterações encontradas na periostite (*obr. cit.* pag. 305), e chegando, algumas vezes, a ponto de determinar a formação de novas camadas osseas, que vão engrossar, e até ligar entre si os ossos de um membro (*idem*, pag. 309); ao passo que, por outro lado, os ganglios lymphaticos se hyperplasiam, se transformam em indurações fibrosas ou fibromatosas; ao passo que os nervos são, por sua vez, affectados de espessamento fibroso, ás vezes irregular e nodoso, partindo de seus envolveros e tecido intersticial; ao passo que, segundo affirma o illustre micrographo, encontrou elle muitas vezes as paredes e bainhas das veias do mesmo modo alteradas (*idem*, pag. 310); ao passo que, em summa, se manifestava todo este movimento hyperplasico, em toda a parte do membro affectado em que se encontrava uma parcella de tecido conjunctivo—os grandes vasos lymphaticos, ao em vez de tudo isto, não apresentavam, de ordinario, nenhum espessamento notavel em suas paredes, que, pelo contrario, adelgaçavam-se, á medida que o vaso se dilatava (*idem, idem*).

Esta circumstancia da dilatação dos grandes vasos lymphaticos, cujas paredes a mais e mais se adelgaçam—ao tempo em que, por toda parte mais do membro, tecido adiposo, aponevrotico, fibroso, tunicas de vasos e de nervos, tecidos intersticiaes e periosteo se hyperplasiam e transformam em massas duras, em fibroma, ou mesmo em osso, nas regiões do periosteo—pareceu-me ser, diante de um factio clinico, o ponto culminante, para o qual se devessem volver as vistas do pratico, desejoso, antes de tudo, do resultado therapeutico.

Collocado defronte do meu doente, em uma epocha da molestia em que já a maior parte d'aquellas alterações se deviam ter realisado, eu não cogitei de qual teria sido a causa primaria d'aquelle estado. Esqueci-me

de quantas theorias se apresentam no campo da sciencia, disputando a explicação da pathogenia da molestia. Adenites, lymphangites, phlebites, de per si ou combinadas diversamente; diatheses, virus, miasmas ou parasitas—todas essas causas sabia eu que tinham sido invocadas, e por celebres e festejados observadores e sabios, para explicarem a formação, a primitividade dos phenomenos, que n'esta molestia costumam apresentar-se.

Deixei desassombradamente de lado todos estes pontos interessantes da questão. Não porque os julgasse somenos, dispensaveis á clinica; mas, simplesmente, porque encontrava, nos pathogenistas da molestia, ainda tanta escuridão e embaraço, e, não sei até se o diga, confusão e devaneio, que preferi socorrer-me das luzes da histo-pathologia, e sobre essa base, que me parecia mais estavel, fundar o meu castello.

As observações do eminente professor de Berlim impressionaram fortemente, como acima o disse, o meu espirito; e pareceu-me, d'esde logo, que o melhor meio de pôr peias ao augmento da molestia, e talvez de cural-a radicalmente, seria combater a paralysisa, que devia ser um factio paralelo á dilatação do lymphatico e ao adelgaçamento de suas tunicas.

Dilatados, na totalidade ou em sua maior parte, os grandes troncos lymphaticos, pensei eu, a consequencia será grande retardamento na circulação da lymphá, então apenas submettida á *vis a tergo*; porque as compressões musculares pouco poderão fazer, em razão do estado fibromatoso das bainhas e intersticios dos musculos; e a contractilidade e elasticidade dos proprios lymphaticos, tendo desaparecido com a dilatação, e a dos tecidos circumvisinhos tambem, pela sclerose, nada poderá restar que active a corrente lymphatica.

A consequencia d'este grande embaraço á circulação da lymphá deverá ser, necessariamente, a sua estase, e, com ella, o augmento de combustivel para o entreti-

mento da formação, sempre nova e crescente, do tecido conjunctivo.

Logo: o meio de empecer a molestia, e até talvez de fazel-a entrar em via retrograda é—activar a circulação da lymphá; é—combater a paralyisia dos lymphaticos.

Chegado a este ponto, não era difficil achar o ultimo elo d'esta cadeia de corollarios.

D'ahi á idéa de utilizar-me da electricidade, o caminho a percorrer era bem curto, e estava, por assim dizer, a impor-se-me ao espirito.

Com a electricidade eu iria distribuir, quando se tratasse da perna de um elephanciaco, por exemplo, por toda aquella massa, quasi inerte, já sem sensibilidade, e, ás vezes, até sem calor—que assim se apresentam os membros elephanciacos, quando em gráo elevado de molestia—o estímulo preciso para fazer contrahirem-se aco-lá, forçosamente, quantas fibras contracteis existissem.

Desde a mais delicada fibra muscular até o protoplasma do ultimo leucocyto, tudo ia soffrer um estímulo novo.

Mas então, dir-me-hão, ainda mais um elemento vinha ser accrescentado á formação nova de tecido conjunctivo; pois que essa excitação devia necessariamente reflectir-se sobre as cellulas, e augmentar-lhes a vida, isto é, a proliferação, a hyperplasia; vindo, d'esta sorte, a ser antes um mal que um bem a excitação energica, trazida pelas descargas electricas.

A objecção occorreu-me, mas logo a destrui.

Haveria, é certo, elementos para o accrescimo da hypergenesia cellular, e, conseguintemente, para o mal, se todas as cellulas lymphaticas, enalhadas nos capilliculos lymphaticos e no seio dos tecidos, fossem *apenas* as que recebessem excesso de estímulo.

Isso, porem, é o que se não deve realizar.

A excitação é distribuida por todos os tecidos, disse eu, e disse uma verdade; mas é preciso notar que uns são mais impressionaveis por ella do que outros, isto é,

a fibra contractil mais do que o simples protoplasma de uma cellula lymphatica.

Qual a consequencia ?

Simplemente esta: que antes que as cellulas lymphaticas encalhadas tivessem soffrido bastante a influencia electrica, para proliferarem, já as fibras contracteis das paredes dos grandes vasos lymphaticos teriam activado sua contracção, e, consequentemente, a corrente da lymph.

Facilitado o curso da lymph nos grandes troncos, é intuitivo que o desencalhe deste liquido, nos menores, nas rêdes e nos capilliculos lymphaticos, será uma consequencia immediata, e, com esta desobstrucção, teremos o primeiro annel de uma cadeia de phenomenos, que virão, gradualmente, se accentuando, á ponto de trazerem o desafogo dos tecidos, a circulação, a vida normal emfim.

Alem destes effeitos locais da electricidade, não nos devemos esquecer de que tem ella tambem uma grande influencia excitadora sobre o systema nervoso geral, a qual, necessariamente, reflectir-se-ha sobre a parte affectada, auxiliando, poderosamente, a cura.

Quanto á idéa, que tambem n'aquelle artigo eu arrisquei, como depois se verá, em uma das transcripções que d'elle farei, de representarem as descargas electricas o papel de raios, que iriam fulminar as *Filarias Wuchereri*—entendo hoje que não é consentanea com os factos, e melhor me parece a que acabo de dar, porque não está provado que todos os casos de *elephantia* se achem ligados á presença da *Filaria Wuchereri*, convindo notar que, em nenhuma das duas novas doentes, cuja historia vou fazer, encontrei, como se verá depois, embryões de filaria no sangue, e, em uma d'ellas, tambem os não achei na lymph que corria de algumas ulcerações, existentes na perna mais affectada, e provenientes de traumatismo umas e espontaneas outras. E' verdade que, se em uma d'estas doentes o exame do sangue e da lymph foi feito antes da applicação da ele-

ctricidade, na outra só o sangue examinei; esse de dous dedos da mão direita e não da perna affectada, e isso mesmo já depois de mais de um mez de tratamento electrico.

Em dous outros doentes de elephancia tibial e um de elephancia escrotal, cujo sangue examinei, não encontrei tambem filarias; o mesmo succedeu-me com dous grandes tumores elephanciacos escrotaes, cuja lymphá e sangue examinei detidamente, depois de extirpados pelo nosso habil cirurgião, o Sr. Dr. Pires Caldas. Isto é de alguma sorte concludente, porque n'estes sete casos nem uma vez appareceu a *Filaria Wuchereri*.

Se se chegar a provar que, em alguns casos, é a elephancia de causa parasitaria, o meu processo curativo terá uma dupla razão de ser: 1.<sup>a</sup> sua acção parasitica; 2.<sup>a</sup> seus effeitos excitantes sobre a circulação da parte affectada, principalmente sobre os vasos lymphaticos, e, parallelamente, sobre todos os tecidos que a constituirem, e forem ainda susceptiveis de soffrer sua influencia excitadora; e nos que não tiverem tal etiologia, como, por exemplo, os occorridos na Europa, onde ainda se não apontou a existencia da *Filaria Wuchereri*, e a maioria dos observados entre nós, bastar-lhe-hão as qualidades, em segundo logar indicadas, para sufficientemente recommendal-o.

Eis ahi, o melhor que pude explicar, a theoria em que fundei o meu processo.

Se grande é o prazer do medico quando chega a descobrir *casualmente* algum heroico meio de tratamento, maior e mais completa deve ser sua satisfação se chega a esse fim, não guiado cegamente pela mão do acaso, mas racionalmente dirigido pelos principios que a sciencia já tem estatuido.

No caso de que me occupo, por exemplo, o tratamento empregado foi baseado no conhecimento da estrutura morbida da parte affectada.

Fundado nos classicos estudos microscopicos das alterações que soffrem os tecidos na elephancia, é que estatui o tratamento pelas correntes de inducção, que de tanto proveito se mostraram, vindo d'esta sorte a confirmar-se, recebendo a sancção da experiencia, a idéa que repousava apenas, a principio, em uma base de pura theoria.

Para methodizar a descripção do emprego d'este novo tratamento da elephancia, torna-se-me necessario fazer algumas transcripções do meu alludido escripto, antes de referir a historia dos novos casos, que motivam a presente noticia.

No n.º 11, de Novembro de 1877, d'esta *Gazeta*, de pag. 492 a 504, publiquei eu o caso que abaixo vae transcripto.

Este artigo foi traduzido para os *Archives de Médecine Navale*, T. XXIX, de março de 1878, pag. 200., pelo illustrado Dr. Bourel—Roncière, *médecin principal* da marinha franceza.

Passado pouco tempo, o eminente helminthologista inglez, o Professor Spencer Cobbold, referia o mesmo caso á *Sociedade Medica* de Londres, em sessão de 27 de Março de 1878, como se vê na acta d'essa sessão, traduzida da « *The Lancet* » de 30 do mesmo mez, e publicada a pag. 391, 395, do n.º 9 de Setembro de 1878, d'esta *Gazeta*.

Refiro as particularidades da traducção franceza, e do noticiamento do facto pelo Dr. Cobbold, em Londres, para tornar bem saliente a circumstancia de que mereceu elle prender a attenção d'aquelles illustres medicos: já pela simultaneidade de symptomas, que em outros doentes se apresentam destacados, constituindo outras tantas molestias diversas, e que n'esse figuravam juntamente—chyluria, elephancia escrotal, escróto lymphatico (*lymph scrotum* dos inglezes) lymphangiectasias; já pelo bello resultado therapeutico obtido.

Passo a transcrever, com pequenas alterações, de ordem scientifica, e, pela maior parte, grammatical, os topicos d'esse artigo que importam ao esclarecimento do que d'este faz o assumpto:

CASO DE CHYLURIA, ELEPHANCIA DO ESCROTO, ESCROTO LYMPHATICO, CRAW-CRAW E ERYSIPELA EM UM MESMO INDIVIDUO; DESCOBRIMENTO DA FILARIA WUCHERERI NA LYMPHA DO ESCROTO — TRATAMENTO PELA ELECTRICIDADE COM EXCELLENTE RESULTADOS.

O doente que forneceu-me assumpto para esta observação continúa ainda entregue aos meus cuidados; mas é tal a importância do caso, e tão notavel tambem o estado de melhora obtida, que julguei conveniente publicar o que, no decurso de um mez e meio, pouco mais ou menos, teho observado em relação a elle, aguardando-me para mais tarde noticiar qualquer alteração que porventura tenha logar, ou algum adiantamento que consiga em referencia ao estudo do parasita.

Sendo da maior importancia tudo quanto se refere a um caso d'esta ordem, attenta a fusão das molestias e o cunho de especificidade climaterica que se lhes attribue, perdoar-se-me-ha, sem duvida, a prolixidade com que me houver nos dados anamnesticos, que offerece a historia progressa deste doente.

Chama-se elle João Francisco de Vasconcellos, branco, de 40 annos de idade, constituição regular, temperamento sanguineo.

Nunca soffreram seus paes de chyluria, nem de erysipela, nem de elephancia ou dermatose alguma. O pae, hemorrhoideo de natureza, falleceu com idade superior a 60 annos, de um aneurysma da aorta. A mãe morreu, tres dias depois de um parto, repentinamente. Tinha mais de 40 annos.

Um tio, por parte materna, falleceu com idade superior á d'ella, mas o meu doente não sabe informar-me qual a causa da morte. Este tinha erysipela no escrôto. Soffreu por muitos annos d'essa molestia.

Por parte materna tem ainda vivos sete tios, o mais moço dos quaes deve ter mais de 40 annos, e o mais velho 60 aproximadamente.

Tem uma irmã e dous irmãos. Nenhum padece das molestias que n'elle se apresentam. O mais moço dos irmãos tem uma hernia inguinal e está mentecapto.

Quanto ao meu doente soffre de erysipela ha doze annos. Teve a primeira depois de contundir o escrôto sobre a sella, em uma via-

gem ao sertão. Em Outubro do anno passado começou a usar de banhos doces, n'um riacho que parte da *Lagôa da Feiticeira*, a uma meia legua, pouco mais ou menos, de Alagoinhas.

Um facto interessante é que d'essa epocha data a apparição da dermatose de que está soffrendo, e que tem toda a analogia com a que eu descrevisob a denominação de *filariose*, (2) e Jonh O'Neill com o titulo, vulgar na Africa, de *craw-craw*.

Diz o doente ser proprio das aguas d'aquella lagôa produzirem tal erupção; perigo de que estava previnido por pessoas do logar, ás quaes não deu o menor credito.

Com o uso d'essas aguas, em banhos, tornaram-se mais frequentes os accessos de erysipela.

Receiando que a peiora proviesse do uso de taes banhos, passou a tomar os no *Rio Catú*, que demora quasi no mesmo sitio, e no qual despeja o riacho da *Lagôa da Feiticeira*, meia legua abaixo, perto de Alagoinhas.

Com o uso d'estes banhos no *Rio Catú* continuaram frequentes os accessos de erysipela.

Em Fevereiro do corrente anno veio para a capital, onde, durante os tres primeiros mezes, não teve accesso algum de erysipela; mas depois tornaram-se estes frequentissimos, de modo que, de afastados que eram os ataques nos primeiros dos doze annos, durante os quaes tem, periodicamente, soffrido da molestia, tornaram-se elles tão successivos que, ultimamente, vinham-lhe sete vezes em um só mez!

Ha tres annos (nove, portanto, depois da apparição do primeiro ataque de erysipela) sobrevieram-lhe symptomas de chyluria, a

(2) Isto teve logar em 1875. Posteriormente, reconhecendo que este termo, creado por mim para designar uma dermatose (que depois se soube ser o *craw-craw*) melhor cabia ao grupo inteiro das molestias produzidas pela *Filaria Wuchereri*, propuz, no *Globo*, de Rio de Janeiro, de onde o transcreveu a *Revista medica*, da mesma cidade, em 1876, a adaptação da palavra a toda essa familia pathologica; idéa que, sem ter conhecimento d'esse meu ultimo escripto, e suppondo que eu continuava na opinião primitiva, tambem teve o meu illustrado collega, o Sr. Dr. Pedro Severiano de Magalhães, que a exarou em um dos numeros do *Progresso Medico*, do Rio de Janeiro, em 1878; tendo d'ahi por diante já n'este sentido sido a palavra empregada, tanto por este distincto collega, no Rio de Janeiro, como pelo eminente pratico o Sr. D. J. L. Paterson, na Bahia.



qual permaneceu por dous mezes, cedendo depois quasi repentinamente.

Como todo tratamento para este mal usou da agoa alcatroada.

Ha seis mezes reapareceram as ourinas leitosas. A coagulação da ourina é prompta, e reduz toda a porção vertida a uma massa gelatinosa, de côr lactea.

A's vezes coagula-se mesmo na bexiga, tornando difficil e dolorosa a micção.

Nunca houve hematuria. A mistura de sangue com a ourina, e a expulsão de coagulos sanguineos fazem completamente falta no meu doente.

Indaguei cuidadosamente d'este ponto, e obtive sempre formal negativa a respeito da presença, em qualquer epocha, de sangue nas ourinas.

No primeiro dia em que o observei, 13 de Setembro do corrente anno, tinha elle: erysipelas frequentes, chyluria, craw-craw, elephancia escrotal e escrôto lymphatico.

A ordem chronologica do apparecimento das diversas manifestações é a seguinte:

Erysipela. . . . .	12 annos
Chyluria (1.º periodo) . . . . .	3 »
Craw-craw . . . . .	1 anno
Chyluria (2.º periodo). . . . .	6 mezes
Elephancia escrotal com lymphangiectasias. . . . .	6 »

Na vespera do primeiro dia em que o examinei, havia o doente perdido grande porção de liquido, pela ruptura de uma das bôlhas de que estava coberto o escrôto.

Eram estas em grande numero, e a pellicula que as cobria tenne, e deixando ver, por transparencia, o conteúdo leitoso.

Procedi ao exame do sangue, n'esse dia, com cuidado.

Para isso escoriei diversas papulas, e examinei o sangue vertido, sem encontrar embryão algum de filaria, que esperava achar.

Passei em seguida ao exame do liquido vertido pelas vesiculas do escrôto, perforando algumas d'ellas, e nada encontrei. A constituição histologica d'esse liquido era a da lymphã pura.

Examinei depois a urina, que apresentava a apparencia do amido cosido, e o resultado foi ainda negativo.

Não contente, passei ao exame do sangue venoso, atravessando com um fino estylete pequenas venulas superficiaes da perna, e não obtive ainda assim embryão algum de filaria.

Passados dias depois d'este exame, resolvi empregar n'este doente, para tratamento de sua elephancia e lymphangiectasias escrotaes um meio, de que não tenho noticia já se tivesse alguém servido antes, isto é, a electricidade.

Lançando mão de tal processo curativo partia eu do seguinte raciocinio:

A elephancia, e, principalmente, a lymphangiectasia, molestias de que soffre o meu doente, devem em grande parte provir de atonia dos vasos lymphaticos (2) da parte affectada. Para a elephancia tem o exame histologico *post mortem* provado que ha obstrucção dos lymphaticos e suas respectivas lacunas, por agglomerações de cellulas epitheliaes, crescidas e deformadas. Este acervo de corpusculos, que aqui e acolá distendem, e por toda parte enchem os lymphaticos da região, bem claramente denota que um estado *paralytico primitivo* ali teve lugar. Quanto ás lymphangiectasias basta, a olho nú mesmo, observal-as, para ver-se que taes dilatações não poderiam ter lugar sem um estado atonico das paredes dos respectivos lymphaticos.

Ora, sendo assim, é crível que um meio que determine a constrictão em massa do escróto, qual a electricidade, necessariamente deve reflectir-se em cada ramusculo arterial, venoso e lymphatico, e, consequentemente, activar n'elles a circulação entorpecida.

D'est'arte os vasos lymphaticos obstruidos devem tornar-se permeaveis, com excepção todavia d'aquelles que já tiverem perdido completamente as qualidades de tubos contracteis, e cujas paredes tiverem soffrido uma degeneração, que os aproxime da constituição histologica dos tecidos da vizinhança, isto é, a degenerescencia lardacea.

Que não sirva, porem, para esses de que acabo de fallar, com cer-

(2) No artigo primitivo estava—vasos capillares, por engano, como se conclue do resto da exposição da theoria. Já acima disse e repito, que n'esta copia fiz algumas pequenas alterações, que me pareceram necessarias, tanto scientificas como puramente grammaticaes.

teza: deve a electricidade servir para os que estão simplesmente dilatados e não obstruidos, para as lymphangiectasias em sunuma.

Partindo d'estes principios, que confesso serem pura theoria, resolvi empregar o tratamento electrico no meu doente.

E' o resultado d'este tratamento que passo a referir, soccorrendo-me de minha carteira de notas, onde encontro o seguinte:

Segue-se a descripção, por ordem chronologica, das applicações que fiz das correntes de inducção, por meio de uma maquina electro-magnetica de Ruhmkorff; dos effeitos observados; do descobrimento da *Filaria Wu-chereri* na lymphá de uma d'essas lymphangiectasias, em que, na Bahia, ainda ninguem tinha encontrado o parasita, e eu de balde o procurára; sendo esse descobrimento realisado pelo meu illustre collega o Dr. Manoel Victorino Pereira, por mim convidado a observar o caso e examinar o liquido das lymphorragias, em minha companhia; dos diversos exames a que procedi depois, encontrando não só esses embryões, como tambem duas filarias muito maiores, que foram igualmente examinadas pelo illustrado clinico o Sr. Dr. Silva Lima; do encontro de *acaros* na lymphá que corria do escróto, e que penso serem *acaros domesticos*, casualmente cahidos no liquido, depois de sua sahida dos vasos, e vivendo nos intersticios das rugosidades elephanciacas eserotæes, attrahidos, sem duvida, pela presença de depositos, que a lymphá ali deixava, e os cuidados de asseio do doente não eram sufficientemente reiterados para eliminar; da circumstancia de, no fim de um mez, mais ou menos, de applicação das correntes de inducção, parecer-me « á vista do exame feito nos coelhos, em que, a principio, se achava com facilidade o vermiculo, e onde agora não apparece, que todos tem soffrido com os choques, e a maioria está talvez morta (pag. 502 do cit. n.º); » e, finalmente, as seguintes reflexões, que julgo conveniente transcrever:

Este caso offerce assumpto para reflexões detidas, a que, pela

extensão que leva já esta communicação, me furto, limitando-me apenas ás seguintes observações:

Quatro circumstancias capitaes se a cham reunidas n'ella: 1.<sup>a</sup> a coincidência em um só individuo das diversas manifestações morbidas, que teem sido attribuidas ás filarias microscopicas como causa eficiente; 2.<sup>a</sup> o descobrimento, pelo Dr. Victorino Pereira, do embryão, no liquido das lymphangiectasias, facto que ainda se não havia observado na Bahia (1); 3.<sup>a</sup> o descobrimento, por mim, de duas grandes filarias no liquido da mesma proveniencia; 4.<sup>a</sup> finalmente, o resultado curativo obtido em relação á chyluria e á erysipela, e a melhora do *craw-craw* e da elephançia.

Será persistente este estado lisongeiro, que a applicação da electricidade trouxe ao meu doente?

Só o tempo nol-o poderá dizer.

Em todo o caso é muito interessante para o tratamento da chyluria o caso em questão, porquanto deu-se a sua completa desappareição em um espaço de tempo bem limitado, e até hoje não ha indícios de recahida.

O doente não usou de medicação alguma outra, interna ou externamente. Só foi empregada a electricidade.

Como teria ella obrado?

E' outra questão que carece ser resolvida.

O que me parece é que cada choque electrico representava em relação ás filarias, o effeito do raio sobre o homem: fulminava-as.

E realmente assim devia ser. O que para nós é um simples choque, para aquelles organismos rudimentares deve ser uma descarga electrica formidavel, capaz de aniquilal-as de momento.

E' com todas as reservas, porem, que avento similhante idéa, não tendo uma prova material em que me estribe para assim affirmar. Talvez que para isso servissem o facto do embryão morto, que primeiro encontrou o Dr. Victorino Pereira, o das duas grandes filarias e um embryão, todos mortos, que eu encontrei, e outros embryões mais, que em outras occasiões achei tambem sem vida; mas, como isso se pode attribuir ao aperto das laminas, á ponta dos estyletes, etc., nada me atrevo a concluir de bem determinado.

Agora os factos a que alludi no começo d'este artigo:

Foram elles os interessantes casos clinicos que passo a narrar, e nos quaes veio confirmar-se o tratamento, que originára-se em uma concepção theorica; começára a demonstrar-se efficaz no caso acima transcripto, e veio manifestar-se em plena evidencia nas duas doentes, cuja historia vou fazer:

Christina dos Santos de Mattos, mulata, de 26 annos de idade, solteira, foi exposta, no dia 6 de Julho de 1857, com seis annos de idade, na antiga *casa de expostos* da Misericórdia.

Em sua anamnése infantil encontra-se apenas o seguinte dado: febre intermitente.

Ha doze annos, pouco mais ou menos, indo, a recreio, de parceria com as demais companheiras de asylo, ao *Passeio Publico*, teve a infelicidade de torcer o pé direito.

De volta á casa, em vez de queixar-se, guardou completo silencio, não só n'esse, como nos seguintes dias, bem que as dôres obrigassem-na a coxear, e grande inchação lhe tivesse accommettido todo o tornozélo.

Descoberto, porém, o seu estado, fizeram-na consultar o distincto cirurgião o Sr. Dr. Pires Caldas, que era n'esse tempo o encarregado da clinica da casa; mandando este illustre facultativo fazer uso, topicamente, de diversas substancias resolutivas e calmantes, por alguns dias; passando, por improficuidade d'estas, á compressão por linéio de ataduras, quotidianamente renovadas, e, por ultimo, ao emprego de dous vesicatorios, aos lados da articulação.

Depois d'estas e d'outras applicações, adaptadas ao caso, cederam as dôres, mas persistiu a inchação.

Isso quanto á origem da molestia na perna direita; a esquerda só ha seis annos começou a apresentar symptomas do mal.

A primeira vez que a perna direita foi affectada de erysipela teve logar ha tres annos, pouco mais ou menos.

Por essa mesma epocha, aproximadamente, foi a doente atacada de um incommodo de estomago, do qual

tratou-a o illustrado clinico do Asylo e meu presado Mestre, o Conselheiro Dr. Souto; incommodo esse que se fez acompanhar, por quatro vezes, de abundante hematemese, que repetiu-se ainda outras, mas em menor quantidade, até de todo cessar, ha dous annos d'esta parte.

Depois do citado accesso erysipelatoso teve a doente segundo ataque da molestia, ha dous annos pouco mais ou menos, em consequencia de ligeiro traumatismo, na perna direita.

D'ahi por diante, por espaço de um anno, continuou a ter os accessos erysipelatosos, que, n'esse periodo, repetiram-se quatro ou cinco vezes.

A perna esquerda, se bêm que muito atacada do mal, nunca apresentou-se erysipelatosa.

Devo aqui consignar tambem que, antes de ser começado o emprego da electricidade n'esta doente, já lhe havia eu examinado ao microscopio o sangue da perna mais atacada do mal, a direita, puncturando-a; tambem examinei, n'essa epocha, a lympha que, de ulcerações de origem traumatica umas, e espontanea outras, continuamente corria; em nenhum d'estes humores logrei encontrer a *Filaria Wuchereri* em sua forma embryonaria.

O segundo caso é o seguinte:

Maria Trifina de Mattos, parda, solteira, de vinte annos incompletos. Constituição regular.

Aos nove annos de idade torceu o pé direito, em consequencia de uma queda por uma escada abaixo. Esta torcedura incommodou-a por alguns dias e trouxe-lhe infiltração na perna correspondente. D'ahi a um anno, pouco mais ou menos, teve na mesma perna um accesso erysipelatoso, sem causa apreciavel, que obrigou-a a conservar-se no leito por cinco dias. Dous annos depois outro ataque de erysipela, que durou o mesmo tempo.

Depois de cada accesso a inchação augmentava. Em outras epochas, posteriores, lembra-se a doente que

teve ainda quatro accessos eguaes, mas não pode precisar os intervallos com que se apresentaram. A perna esquerda nada tem de anormal. O seu estado de saúde, afóra este incommodo, foi sempre e continúa a ser muito lisongeiro.

Logo que tomei conta d'esta doente, cumpre-me dizello, examinei-lhe ao microscopio o sangue, extrahindo-o, por puncturas, dos dedos annular e medio da mão direita, sem encontrar hematozoario algum; isto é verdade que depois de algum tempo de applicações electricas, mas quando eram ainda pouco notaveis as melhoras.

Estavam estas doentes n'este máo estado, arrastando uma vida martyrisada, e carregando o peso de suas enormes pernas, quando o Conselheiro Souto, tendo minuciosa noticia do meu primeiro caso, não só por esta *Gazeta*, mas ainda de mais perto, porque eu tive occasião de mostrar-lhe o meu doente, achou racional o tratamento; e, sem entibiar-se com o resultado incompleto da minha tentativa, estorvada pela precipitação do doente em retirar-se (fallo unicamente da não completa obtenção da cura da elephancia, das lymphangiectasias, e do *craw-craw*, porque a *chyluria* e a *erysipela*, como ficou dito, de todo desapareceram), começou a empregal-o n'estas duas doentes.

Aproveito pressuroso a occasião para agradecer a este illustrado clinico e meu presado Mestre tão valioso obsequio.

Pena é que me não tivesse eu lembrado de mandar moldar em gesso as pernas d'estas duas doentes, antes de começar a manifestar-se a redução de volume; porque, se assim fôra, ter-se-hia agora, com precisão, o numero de centímetros de que, em espessura, diminuíram pernas e pés. Devo, comtudo, assegurar que, principalmente em Christina, as pernas eram descommunaes, e o dorso dos pés uma informê montanha de carne, de cuja raiz sahía alguma cousa, que devia corresponder,

pela séde, a dedos, mas que, nem de leve, com elles se parecia.

Submettidas as doentes ás correntes de indução, não foi prompta em manifestar-se a melhora.

Foi assim que passaram-se mezes sem que se notasse diminuição alguma nas partes affectadas; de sorte que, quando, em 30 de Novembro do anno passado, tomei conta da clinica do Asylo, em substituição ao Conselheiro Souto, então de partida para a côrte, a tomar assento na camara temporaria, apenas pude verificar as seguintes melhoras: sudação manifesta e sempre crescente, o que antes das correntes electricas se não dava; volta gradual da sensibilidade cutanea, nas regiões affectadas, que d'antes estavam entorpecidas, e grande melhora, por parte de Christina, dos incomodos de estomago, que, comquanto menos intensos, nunca haviam de todo desaparecido.

Animado por estes primeiros symptomas de actividade funcional desenvolvida, na séde da molestia, eu não desisti do proposito de continuar a submeter as minhas doentes ao mesmo tratamento, na esperanza de vel-o mais tarde coroado de exito.

Graças a similhante insistencia tive, para encurtar razões, nos onze mezes em que dirigi a clinica d'aquelle importante estabelecimento, a satisfação de ver, gradual e accentuadamente, crescer a melhora, a ponto de poder, no dia 6 de Novembro, isto é, quasi um anno depois da partida do Conselheiro Souto, entregar-lhe as duas doentes, em um estado, que, se não se pode ainda chamar de completa cura, está, comtudo, quasi a attingil-a, parecendo-me que será questão de muito pouco tempo a volta dos tecidos a um estado perfeitamente physiologico (4).

(4) Tive, ha poucos dias, occasião de ver as duas doentes. Em Christina a perna direita, a mais atacada, tem já todos os caracteres de normalidade e a outra está já quasi no estado natural, o que tambem se verifica na de Maria Trifina.



Inútil é declarar que o grão de satisfação das minhas doentes é, por assim dizer, intraduzível.

Alguns collegas, a quem tive o prazer de mostrar estas duas doentes, não se puderam reprimir um movimento de espanto, ouvindo, por ellas proprias e pelas dignas Irmãs de Caridade, que dirigem aquelle pio estabelecimento e que muito me auxiliaram na obtenção do resultado, a descripção do seu primitivo estado, e comparando-o com o actual.

Entre elles não esquecerei o nome do Sr. Dr. Fourné, *médecin principal* da marinha franceza, a bordo da fragata *Venus*, o qual, de passagem por esta cidade, e tendo noticia d'estes casos, desejou vel-os, ficando agradavelmente impressionado pelos resultados obtidos.

Cumpre-me, entretanto, declarar, por amor á precissão, que, ultimamente, procurei auxiliar a acção da electricidade pelo repouso das pernas, na posição horisontal ou mesmo declive para o tronco, a compressão methodica com ataduras e meias elasticas e o uso interno de preparados tonicos.

Agora aos collegas compete a verificação d'estes ensaios, restando-me apenas pedir-lhes que publiquem os casos em que empregarem similhante tratamento, seja completo, incompleto ou nullo o resultado; ou, pelo menos, queiram levar a obsequiosidade ao ponto de communicarem-me, particularmente, o que observarem.

Só assim poderemos aperfeiçoar ou invalidar este processo.

---

## NOTA

SOBRE A ACÇÃO PHYSIOLOGICA E THERAPEUTICA

Da *Carica Papaya* (Mamoeiro)

pelo Dr. Moncorvo de Figueiredo

(*Transcripto de um exemplar que nos foi offerecido*)

As *Papayaccas* constituem uma familia de plantas phanerogamas, originarias das Indias Orientaes, segundo alguns, e que existem em grande abundancia na Amé-